

Adelice da Silveira Barros estreou como ficcionista em 1999 e vem tendo uma produção constante, alternada entre conto e romance. A atenção dispensada pela crítica e os prêmios recebidos dentro e fora de Goiás atestam sua qualidade estética. Tijolo e vidro & outras histórias, seu oitavo livro, é a primeira incursão da autora num gênero menos comum, o da novela, território de fronteira entre o conto e o romance. Reunindo quatro narrativas, esta coletânea provoca o leitor, propõe-lhe enigmas, leva-o à reflexão, mas não dá respostas definitivas. Como um labirinto, seduz e engana. Se quiséssemos definir as quatro novelas, poderíamos dizer que elas são marcadamente fragmentárias, descontínuas. Como cristais multifacetados, elas apreendem uma dada situação por diversos ângulos e vozes. Não há compromisso com uma apresentação linear dos fatos, com sua veracidade ou com a opção por um final feliz. Nelas se discutem tanto as patranhas dos maus políticos como o caráter dos grandes heróis. Nessas narrativas tudo se relativiza. Duas novelas, "Diagnóstico" e "Somos pó", lidam com matéria essencialmente trágica, colhida na história recente, a queda do avião da TAM no aeroporto de Congonhas e a destruição do World Trade Center, tragédias coletivas que abalaram o mundo. As outras duas, "De carne e de verbo" e "Tijolo e vidro", estreitam a experiência para o âmbito pessoal, porém dando-lhes a dimensão ampliadora da alegoria e do mito pela intervenção do sobrenatural. As quatro novelas ambientam-se em espaços distintos: uma capital brasileira qualquer; o aeroporto de São Paulo; a cidade de Edimburgo, na Escócia; o coração de Nova York. Ainda que distantes na geografia, elas se entrelaçam na temática e na construção. Em todas se delinea o tema da passagem, em todas a morte se faz presente, em todas se opera uma transformação. Cada qual à sua maneira, seus protagonistas se debatem em crises existenciais e espirituais, angustiam-se frente ao vazio de suas vidas e anseiam por transcender sua banalidade. Em tal clima, as soluções místicas ou alegóricas, míticas ou mágicas tornam-se não apenas viáveis, mas verossímeis. Quanto ao modo de construção, as quatro novelas se dividem em fragmentos nos quais se alternam vozes de múltiplos narradores. São narradores que falam de momentos temporais diferentes. Narradores cujo destino cerca-se de mistério, como Maria, em "De carne e de verbo", ou Will, em "Tijolo e vidro". Narradores cuja vida sofre uma reviravolta radical a partir de um turning point propiciado pela trama, como os mencionados ou como o jovem turista que presencia a queda das torres gêmeas e escapa da morte graças à notória falta de pontualidade brasileira. Entre os narradores inclui-se até mesmo um gato preto, na linhagem dos gatos de Poe e de Lygia Fagundes Telles, que partilha o dom de um gato real, o Oscar, que numa clínica geriátrica americana anuncia a morte dos pacientes. Dada a sua natureza, trata-se de um narrador pouco confiável, pelo menos se julgado pela ótica dos humanos. Essa multiplicidade de vozes conduz o leitor a uma multiplicidade de trilhas narrativas que, como num labirinto, levam a passagens cegas, a vias sem retorno, a pistas falsas, alçapões e armadilhas. Nesse emaranhado criado intencionalmente pela ficcionista, os desvios incluem até mesmo a correção da realidade, como o direito a um destino feliz para dois adolescentes oficialmente vitimados no acidente da TAM, ou, no voo de retorno ao Brasil, o apoio do avô morto ao neto sobrevivente do nine-eleven. Apresentados pela voz de tantos narradores, o real e o virtual se equivalem, história e mito se confundem na mesma impressão de realidade. Percorrendo as muitas sendas dessas narrativas, ouvindo suas múltiplas vozes, visitando seus variados tempos e espaços, compartilhando as dúvidas e os anseios de seus personagens, certamente o leitor encontrará fragmentos de si mesmo nos corredores e desvios desses labirintos de espelhos.

Vera Maria Tietzmann Silva